

“Quem Fomos e Quem Somos”: reflexão sobre a velhice

Adriele Massafra Dobler

Introdução

Este artigo apresenta uma análise da peça teatral “Quem Fomos e Quem Somos”, criada coletivamente por participantes do Programa Sesc Maturidade Ativa de Caxias do Sul – RS. Por meio da divisão da peça, em atos e cenas, busca-se compreender o processo de elaboração do roteiro, a escolha coletiva das falas e dos personagens, e como esses elementos contribuem para a reflexão sobre a velhice. A peça se propõe a subverter estereótipos associados ao envelhecimento, apresentando a velhice como uma fase de possibilidades e protagonismo.

O significado da velhice

O presente texto propõe uma reflexão sobre o processo de envelhecimento e o significado da velhice a partir da peça teatral “Quem Fomos e Quem Somos” concebida de forma colaborativa por integrantes do Programa Sesc Maturidade Ativa de Caxias do Sul – RS. A peça foi desenvolvida sob a orientação da professora de teatro Aline Tanaã, que conduziu o grupo em um processo criativo baseado na escuta sensível, na partilha de memórias e na construção coletiva de cenas e personagens.

O processo de elaboração do roteiro não partiu de um texto pronto, mas sim da vivência dos próprios participantes. A dramaturgia emergiu a partir de rodas de conversa, relatos pessoais e debates sobre o envelhecer, criando um enredo que mistura humor, crítica e emoção. As falas e personagens não foram definidos de maneira tradicional, mas nasceram da realidade e subjetividade dos próprios atores. Cada fala carrega uma verdade vivida, um contraponto ao imaginário social que reduz a velhice a perdas e incapacidades.

A escolha das personagens e suas falas teve como objetivo confrontar as normas sociais que impõem comportamentos padronizados às pessoas idosas. Nesse sentido, os participantes optaram por protagonizar personagens plurais, ativos, questionadores — em suma, vivos. A peça se transforma, assim, em um

instrumento de resistência simbólica e política, um espaço de expressão, pertencimento e transformação social.

Para melhor entendimento da peça, optou-se por fazer um recorte da trama ao selecionar um ato. Este ato apresenta diferentes cenas, as quais retratam o cotidiano de um grupo de amigas idosas que residem juntas:

(Batidas na porta)

- *Se for cobrança volte no dia que a aposentadoria sai, hoje não tem nem pão velho.*

- *Não sou cobrança, sou um velho amigo que veio visitar vocês. O Conselho Mundial do Envelhecimento que me ordenou que viesse aqui adverti-las, você e suas amigas, sobre o que é o Envelhecimento.*

- *Pode entrar...mas quem é mesmo o senhor?*

- *Não me reconhece? Eu sou o Envelhecimento.*

- *Bom, estou sozinha por aqui, as outras meninas estão lá para dentro, ou trabalhando, passeando, dançando e viajando, mas hoje é o dia de almoçarmos juntas daqui a pouco chegam todas...*

- *Mesmo com toda essa dor nas costas e todos os meus vários remédios eu espero suas amigas...sabe a velhice é uma fase da vida de sossego, de ficar em casa...*

Nesta cena inicial, o personagem “Envelhecimento” é apresentado como uma figura reguladora e moralista, encarregada de verificar se as pessoas idosas estão se comportando conforme os padrões tradicionais do que se espera da velhice: sossego, quietude, resignação.

(entra idosa dançando e cantando com o fone no ouvido)

- *Oi gente, estou vindo da minha ginástica, nossa, hoje foi muito bom... quem é esse, amiga?*

- *Esse é o Envelhecimento (e sai)*

- *Você não acha que está muito velha para dançar, fazer ginástica?*

- *Claro que não, se soubesse como eu sou boa de forró...amo fazer exercício e agora que tenho mais tempo para me dedicar ao meu autocuidado não posso perder. Por falar nisso, já vou sair novamente para o meu yoga agora.*

- *Vai doer suas costas hein! Acho melhor não fazer nada de exercício.*

- *A melhor ginástica é sorrir. É isso que a dança faz comigo!*

Aqui, a peça começa a desconstruir o estigma da passividade na velhice. O corpo em movimento torna-se símbolo de autonomia, saúde e prazer.

(Entra outra moradora, com uma bolsa e livro na mão)

- *Boa tarde, quem é o senhor? Ah, já imagino! Algum estudante colega meu!*

- *Mas no Envelhecimento ninguém estuda, não consegue enxergar. Eu mesmo já estou no meu terceiro óculos.*

- *O senhor está muito enganado! Pois foi na velhice que comecei a escrever. A experiência me trouxe muita inspiração. Acabo de vir de uma bienal do livro e apresentei um trabalho importante.*

- *Mas e a cegueira? Os problemas de vista?*

- *A pior cegueira é a espiritual. Essa física, um bom médico cuida. (sai de cena)*

A personagem contrapõe a limitação física com a potência criativa e intelectual da velhice. Ela representa o saber que se acumula com os anos e se transforma em expressão artística.

(Entra outra moradora dançando e cansada)

- *Ah, dançar e ensinar cansa!*

- *Até que enfim! É isso mesmo! O envelhecimento inicia-se com alguns cabelos brancos e depois esse cansaço! Depois dos quarenta se você acorda e não sente dor é porque já morreu. Mas você disse que estava ensinando...?*

- *Sim! Trabalho ensinando pessoas idosas que querem aprender a dançar.*

- *Mas as pessoas velhas já estão cansadas e ruins para aprender...como podem querer aprender?*

- *Está enganado, nunca é tarde para aprender, ruim é permanecer do mesmo jeito. Se você ainda não aprendeu a dança da vida, ela vai continuar te mostrando até que você aprenda.*

A aprendizagem ao longo da vida é um dos temas centrais desta cena. A ideia de que nunca é tarde para aprender ou compartilhar é afirmada.

(Entra outra moradora ao telefone conversando)

- *Essa deve ser telefonista!?!*

Moradora atende ao telefone:

- *Oi! Acabei de chegar em casa! Vou descansar e mais tarde saímos novamente! Beijão!!!*

- *Pelo jeito a senhora está desrespeitando o artigo 55 da conduta do velho!*

- *Que artigo é esse?*

- *Que idoso não pode namorar. Nem ficar. Nem casar. Nem... você sabe!*

- *O senhor está muito enganado, amor não tem idade. O amor não envelhece. O que envelhece são alguns pensamentos como o do senhor. Quando meu marido era vivo saímos e namorávamos, agora que ele se foi, continuo namorando. E descobrindo o amor...*

- *Velha assanhada! Saia daqui! Você não tem modos de idosa!*

- *Saio mesmo! O amor não tem idade, nem prazo de validade e só querer amar.*

- *Está impossível trabalhar aqui. Todas querem continuar vivendo depois na velhice. Não querem ficar paradas nem doentes.*

O direito ao afeto, ao desejo e à vida amorosa na velhice é abordado com humor e crítica social.

(Entra outra moradora cantando uma música)

- *Ah, não acredito que esqueci novamente da música....eu e essa mania de esquecer. Acho que esqueço para poder viver mais as coisas do presente.*

- *Já sei!! Isso é falta de memória! Agora finalmente encontrei alguém que está velha.*

(Entram todas as amigas no palco)

- *Todos estamos envelhecendo!*

- *Envelhecer é passar da paixão para a compaixão.*

- *Muitas pessoas não chegam aos oitenta porque perdem muito tempo tentando ficar nos quarenta.*

- *O que não é belo aos vinte, forte aos trinta, rico aos quarenta, nem sábio aos cinquenta, nunca será nem belo, nem forte, nem rico, nem sábio...*

- *Quando se passa dos sessenta, são poucas as coisas que nos parecem absurdas.*

- *A iniciativa da juventude vale tanto quanto a experiência dos velhos.*
- *Os jovens andam em grupo, os adultos em pares e os velhos andam sós.*

(Todas falam)

- *Mas nós não!!!! Nós somos melhores juntas.*

No encerramento, o grupo assume a palavra coletiva e rompe com a solidão social imposta à velhice. A união e o senso de comunidade aparecem como formas de resistência e plenitude.

Desconstrução teórica

As cenas destacadas expõem a necessidade de ser desconstruído o significado que prevalece na sociedade acerca do envelhecimento e da velhice. Isso porque, pessoas idosas representam um grupo, o qual historicamente é excluído devido a representações sociais estereotipadas, além de o papel social deste grupo ser atravessado por fatores físicos, culturais, econômicos e políticos (Gonçalves; Moraes; Câmara, 2024, p. 232).

Percebe-se, ao longo da narrativa, que um dos personagens representa o envelhecimento e, este é encarregado de verificar a conduta das demais personagens no sentido de adverti-las caso não estivessem desempenhando os padrões comportamentais ‘esperados’ por pessoas idosas. As demais personagens dão conta de subverter esta lógica, ao demonstrarem que a velhice não deve ser resumida a limitações e problemas de saúde, pelo contrário, é uma fase da vida, na qual é possível serem definidos novos propósitos e possibilidades de viver conforme o desejo de cada um. Outros propósitos de vida são possíveis.

Nesse sentido, cabe contextualizar elementos históricos que contribuem até hoje para com o entendimento do envelhecimento e da velhice. Freitas et al. (2013) explanam que o envelhecimento deve ser considerado como um processo, a velhice como uma fase da vida e a pessoa idosa como o resultado, sendo esses componentes interligados.

Aliás, o termo "idoso" surgiu na França em 1962, com a implementação de políticas de integração social da velhice. Segundo Peixoto (1998), antes deste período, usavam-se termos como "velho" ou "velhote" para pessoas sem status social, enquanto "idoso" era associado a indivíduos valorizados socialmente, como políticos ou pessoas com boa situação financeira.

Com o desenvolvimento das políticas sociais para a velhice, o prestígio dos aposentados aumentou, e o termo "idoso" passou a ser utilizado oficialmente, resultando em maior respeito por essa faixa etária. Soma-se aos fatos que, conforme discorrem Lima-Silva (citado por Gonçalves; Moraes; Câmara, 2024,

p. 227), a palavra velho é frequentemente considerada pejorativa, associada à ideia de alguém que não está mais em atividade produtiva, por isso tende a ser evitada e pouco utilizada.

Apesar dos avanços nos estudos e pesquisas sobre envelhecimento e velhice, a pessoa idosa ainda enfrenta diversas formas de discriminação, seja no contexto familiar, econômico, social, entre outros (Oliveira, 2016). Côrte (2020) explica que o termo "ageísmo", originado do inglês ageism e criado pelo psiquiatra americano Robert Butler em 1969, refere-se ao preconceito ou intolerância baseada na idade. No português, o termo foi adaptado para ageísmo, idadismo, etarismo e idosismo, e é utilizado para descrever atitudes que resultam na exclusão, maus-tratos ou tratamento desigual de pessoas em razão da idade.

Tamer (2008) destaca que a velhice e o envelhecimento envolvem certos paradoxos da existência humana e representam momentos de crise ao longo do ciclo de vida. Essas duas dimensões são marcadas por um imaginário social que as encara como algo a ser evitado ou temido.

Já Soares et al. (2022) consideram o imaginário social como um componente das representações sociais, que buscam orientar comportamentos e práticas sociais. As representações sociais consistem em crenças, conhecimentos e opiniões que possibilitam a interpretação da realidade por meio de elementos simbólicos, os quais, ao serem compartilhados, se tornam parte da vida cotidiana.

Em sua tese de doutorado, Silva (2020) aponta que algumas pessoas têm uma tendência a encarar o envelhecimento de forma otimista e saudável, enquanto outras veem a velhice como uma fase árdua e infeliz da vida. Para tanto, é fundamental a compreensão de que as perdas não acontecem apenas na velhice, mas ao longo de todas as etapas da vida humana. Já dizia Beauvoir (1990) que para a velhice não ser reduzida a uma simples continuidade das fases anteriores, são necessários propósitos que colaboram para com o sentido da vida.

Dito isso, a Organização Pan-americana da Saúde (Opas) (citada por Gonçalves; Moraes; Câmara, 2024, p. 228) propõe que o envelhecimento bem-sucedido depende do equilíbrio entre os limites e as possibilidades de cada sujeito, permitindo que ele enfrente as questões inevitáveis dessa fase da vida. As oportunidades associadas à longevidade estão intimamente ligadas a um envelhecimento saudável.

Pessoas que envelhecem com boa saúde e mantêm uma participação ativa nas suas famílias e grupos sociais contribuem para o fortalecimento das sociedades. Portanto, o processo de envelhecimento de cada pessoa é moldado pela diversidade e heterogeneidade dos indivíduos, e é influenciado pelo ambiente físico, social e cultural.

Algumas considerações

No que se refere-se peça teatral, pode-se concluir que o teatro foi uma ferramenta, artística e cultural, importante para que os participantes pudessem refletir sobre suas percepções em relação ao seu próprio processo de envelhecimento e transmitir uma mensagem transformadora e subversiva em relação ao entendimento acerca do mesmo, assim como da velhice que vivenciam.

A construção das cenas revela sujeitos que vivem, amam, aprendem e criam, demonstrando que o envelhecer pode ser uma etapa potente da existência humana. Além disso, promoveu o protagonismo destes participantes, bem como, contribuiu para com o sentido de vida de cada um.

Isto é, o teatro revela um papel essencial na potencialização desse olhar sobre a pessoa idosa, sobretudo no que concerne à inclusão social. Se trata de uma ferramenta de empoderamento, inclusão e transformação. Ele permite que os sujeitos velhos revisitem suas histórias, se reconheçam como agentes de mudança e se conectem com outros sentidos possíveis para sua trajetória chamada vida.

Referências

BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CÔRTE, Beltrina. Ageísmo, idadeísmo, etarismo, idosismo... o que significam? Rede Bem-Estar. 2020. Disponível em <https://redebemestar.com.br/cidadania/bate-papo-com-beltrina-corte-ageismo-idadismo-etarismo-idosismo-o-que-significam/>. Acesso em 10 jul. 2023

FREITAS, Maria Célia et al. Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão de literatura. Revista Latino-americana de Enfermagem, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 221-228, 2001. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000200015>. Acesso em 4 jun. 2023.

GONÇALVES, M. F. C. P.; MORAES, M. C. B.; CÂMARA, S. M. B. O papel social da pessoa idosa: reflexões sob as lentes da teoria crítica do envelhecimento. Revista Teias. Rio de Janeiro, v. 25, n 77, p. 224-238, 2024.

OLIVEIRA, Rita; SCORTEGAGNA, Paola; SILVA, Flávia. A educação permanente protagonizada pelo idoso na universidade aberta para a terceira idade/UEPG. Extensio: Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 19-33, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2017v14n27p19>. Acesso em 4 mar. 2023.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Miriam (org.). Velhice ou terceira idade? Rio de Janeiro: FGV Ed., 1998.

SILVA, Murilo. Educação superior pública contemporânea: a "terceira idade" como um novo sujeito educativo na Universidade Estadual de Goiás. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2020. Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_GO_c680e037638ff3f1c8d3a83bf87272f8. Acesso em 17 jan. 2023

SOARES, Samira et al. Teoria das representações sociais e aposentadoria. Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro, v. 30, n. e59798, p. 1-5, 2022. Disponível em <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/04/1361552/e59798-teoria-das-representacoes-sociais-diagramado-port.pdf>. Acesso em 18 ago. 2023.

TAMER, Norma. La perspectiva de la longevidad: un tema para repensar y actuar. Revista Argentina de Sociología, Buenos Aires, v. 9, n. 10, p. 91-110, 2008. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/269/26961007.pdf>. Acesso em 15 ago. 2023.

Data de recebimento: 13/12/2024; Data de aceite: 20/06/2025

Adriele Massafra Dobler - Psicóloga e Agente de Programas Sociais do Sesc de Caxias do Sul, 31 anos, facilitadora do Programa Sesc Maturidade Ativa, Especialista em Arteterapia e pós-graduanda em Saúde Mental Coletiva. E-mail: ADOBLER@sesc-rs.com.br